



**ANÁLISE DO WEBSITE DO POVO ASHANINKA DO RIO AMÔNIA:
TECENDO SABERES NO CIBERESPAÇO PARA A INTERCULTURALIDADE**

**WEBSITE ANALYSIS OF THE ASHANINKA PEOPLE OF THE AMÔNIA RIVER:
WEAVING KNOWLEDGE IN CYBERSPACE FOR INTERCULTURALITY**

**ANÁLISIS DEL SITIO WEB DEL PUEBLO ASHANINKA DEL RÍO AMÔNIA:
TEJIENDO CONOCIMIENTOS EN EL CIBERESPACIO PARA LA INTERCULTURALIDAD**

Sonaira de Araújo Moura¹
Luiz Eduardo Guedes²
Bento Duarte da Silva³

RESUMO

Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, na especialidade de Tecnologia Educativa, pela Universidade do Minho (Portugal), cujo projeto de pesquisa tinha por objetivo principal compreender o cenário de integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na educação dos povos indígenas do Brasil e o contexto desta integração, no caso específico do Povo Ashaninka do Rio Amônia. Neste texto apresentamos uma parte da pesquisa, a que diz respeito à análise do website do povo Ashaninka como um etno-espço que possibilita a tessitura de saberes no ciberespaço para a interculturalidade. Antes dessa análise, para contextualizarmos a temática, faremos uma breve incursão sobre as políticas de inclusão digital aos povos indígenas e o seu protagonismo no uso da internet. Em seguida abordaremos o website do povo Ashaninka e analisaremos o seu conteúdo e design gráfico da interface, recorrendo a critérios de usabilidade recomendados pela literatura do webdesign. Os resultados apontam que a comunidade indígena vem introduzindo as TIC como uma janela para o mundo intercultural, possibilitando construir saberes entre não indígenas e o povo Ashaninka, visando romper com estereótipos e preconceitos que estigmatizam as populações indígenas, a partir da divulgação da sua cultura, espiritualidade, artes e tradições.

PALAVRAS-CHAVE: Povos indígenas; Ashaninka; usabilidade do website; interculturalidade.

ABSTRACT

This paper is part of a master's dissertation developed in the Post-Graduation Program in Educational Sciences, specializing in Educational Technology, at the University of Minho (Portugal), in which the main objective is to understand the technology integration scenario of Information and Communication Technology (ICT) in the education of the indigenous peoples of Brazil and the context of this integration in the specific case of the Ashaninka people of the Amônia river. In this text, we present a part of the research, which is about the analysis of the Ashaninka people's website as an ethno-space that enables to build knowledges in cyberspace for the interculturality. Therefore, before this analysis, to contextualize the theme, we make a brief incursion on the policies of digital inclusion of indigenous peoples and the indigenous prominence in the use of the Internet. We

Submetido em: 09/01/2023 – **Aceito em:** 20/04/2023 – **Publicado em:** 04/08/2023

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Acre (UFAC), especialista em história do Brasil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM-RJ), Mestre em Ciências da Educação e doutoranda em Ciências da Educação, na especialidade de Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho (UMINHO).

² Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre - UFAC, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR (2018), Graduação em Letras Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Acre – UFAC.

³ Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Doutorado em Educação, na área da Tecnologia Educativa.



analyse the approach of the website of the Ashaninka people, its content and the interface graphic design using usability criteria recommended by webdesign literature. The results show that the indigenous community has been introducing ICTs as a tool for the intercultural world, making it possible to build knowledge among non-indigenous people and the Ashaninka people, aiming to break with stereotypes and preconceptions that stigmatize indigenous populations, based on the dissemination of their culture, spirituality, arts, and traditions.

KEYWORDS: Indigenous People; Ashaninka; website usability; interculturality.

RESUMEN

Este trabajo es parte de una tesis de maestría desarrollada en el Programa de Posgrado en Ciencias de la Educación, en la especialidad de Tecnología Educativa, de la Universidad de Minho (Portugal), cuyo proyecto de investigación tuvo como principal objetivo comprender el escenario de integración de tecnologías de información y comunicación (TIC) en la educación de los pueblos indígenas en Brasil y el contexto de esa integración, en el caso específico del Pueblo Ashaninka del Río Amônia. En este texto presentamos una parte de la investigación, que se refiere al análisis del sitio web del pueblo Ashaninka como un etnoespacio que posibilita tejer saberes en el ciberespacio para la interculturalidad. Antes de este análisis, a fin de contextualizar el tema, haremos una breve incursión sobre las políticas de inclusión digital de los pueblos indígenas y su protagonismo en el uso de internet. Luego nos acercaremos al sitio web del pueblo Ashaninka y analizaremos su contenido y el diseño gráfico de la interfaz, utilizando criterios de usabilidad recomendados por la literatura de diseño web. Los resultados indican que la comunidad indígena viene introduciendo las TIC como una ventana al mundo intercultural, posibilitando la construcción de conocimientos entre los no indígenas y el pueblo Ashaninka, buscando romper con los estereotipos y prejuicios que estigmatizan a las poblaciones indígenas, a partir de la difusión de su cultura, espiritualidad, artes y tradiciones.

PALABRAS CLAVE: Pueblos Indígenas; Asháninka; usabilidad del sitio web; interculturalidad.

A INTERNET, POLÍTICAS DE INCLUSÃO DIGITAL E PROTAGONISMO INDÍGENA

A internet chegou ao Brasil inicialmente, por volta de 1988, restringindo-se à comunidade acadêmica brasileira, por meio de iniciativas envolvendo a classe estudantil e docentes das grandes universidades do país, localizadas no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. Contudo, as políticas públicas de viés integracionista da comunidade nacional por meio da internet ganharam força a partir de 1996, com a disponibilidade de provedores comerciais e do aumento progressivo de usuários da rede mundial de computadores (ALMEIDA e VALENTE, 2012, p. 60; BUYS, 2011, p. 6).

Neste contexto, as Tecnologias de Informação e Comunicação também chegaram às populações indígenas como ficou demonstrado no 1º simpósio indígena sobre usos da Internet, realizado em 2010 na Universidade de São Paulo, onde grupos indígenas das várias localidades nacionais estiveram presentes para apontar as oportunidades e desafios do protagonismo dos grupos indígenas e as contribuições a partir da apropriação da internet para este fim (RENESSE e KLEIN, 2011, p. 153).

Este evento científico evidenciou que a inclusão digital pode ser importante para autodeterminação dos povos e seu protagonismo quando as ferramentas e instrumentos

materiais e intelectuais necessários aos processos de inclusão não permaneçam na dependência de terceiros, mas sejam de conhecimento e controle das comunidades envolvidas, ou sejam de uso público acessível a elas. Nessa perspectiva, a inclusão digital contribui para que os povos indígenas sejam agentes de transformação e de rompimento das mentalidades etnocêntricas existentes ainda hoje na sociedade brasileira.

As contradições e oportunidades da Internet foram colocadas na mesa, uma vez que esta se apresenta como objeto de forte caráter modernizador e homogeneizador da sociedade, em contramão das principais características étnicas que residem na multiplicidade e heterogeneidade dos vários povos indígenas.

Neste sentido, pensar a apropriação das TIC é visto por diversos grupos indígenas como um desafio, visto as várias questões apontadas como preocupação nesse 1º simpósio, onde os principais temas discutidos foram: como preservar o patrimônio cultural de um povo, enquanto há a necessidade de divulgá-lo para assim serem conhecidos e respeitados por sua riqueza sociocultural? Tratando-se de sociedades coletivas, comunitárias, quais as formas de controle exercido pela comunidade sobre o acesso e a utilização da internet? Quem fará este controle na rede? Qual será a relação da internet com a vida comunitária?

Sobre estes questionamentos, Renesse e Klein (2011, p. 155) concluem que a integração da internet nas comunidades indígenas é polêmica e complexa, uma vez que “não raro, as questões colocadas pela chegada da internet na comunidade reconfiguram os papéis constituídos tradicionalmente por lideranças comunitárias”.

Desta forma, cada comunidade deve avaliar e reavaliar coletivamente a integração das TIC junto ao seu povo, para que ela se inscreva na “visão política das lideranças como um meio renovado de produzir as práticas sociais e culturais do grupo, e não ser um fator de ruptura dessas práticas” (idem, p.156), Neste ponto, a educação escolar deve dar sua contribuição ao inserir no currículo escolar a integração das TIC de acordo com os objetivos de cada comunidade, de forma, que esta inserção seja uma “arma” em favor de seu povo.

A contribuição das TIC para o protagonismo indígena

Por serem sociedades com forte tradição oral na transmissão das suas cosmologias, histórias, cultura e valores, as sociedades indígenas demonstram assimilar com grande naturalidade dispositivos audiovisuais digitais. Podendo levar essa tecnologia a “se disseminar mais rapidamente como métodos educacionais do que outras tecnologias baseadas na linguagem escrita” (PERES, 2011, p. 9).

As tecnologias digitais chegaram a muitos indígenas, assim como na vida de outros brasileiros, onde os meios acadêmicos, programas de políticas de inclusão digital de setores do governo,



projetos mobilizados pela sociedade civil, iniciativa privada e a motivação dos próprios indígenas possibilitaram os primeiros contatos com a TIC.

Considerada pelos povos indígenas um elemento necessário ao protagonismo indígena, o acesso à internet e todos os seus benefícios é um direito básico do ser humano. Segundo Baniwa, o conceito de protagonismo indígena consiste no "princípio pelo qual ninguém pode pensar e decidir pelos povos indígenas sobre qualquer questão, a não ser eles próprios" (2006, p. 90). Partindo desse conceito, a apropriação de TIC e a forma como serão utilizadas deve ser decidida, conscientemente, por cada uma das trezentas e cinco etnias brasileiras, por entenderem que é assim que se garante o protagonismo indígena.

As tecnologias digitais devem estar colocadas ao serviço da melhoria da qualidade de vida e empoderamento das populações indígenas, consoante aos seus projetos políticos e articuladas com outros serviços básicos de qualidade, como a saúde e a educação.

A internet tem demonstrado ser um campo político, democrático e disseminador das diferentes organizações étnicas brasileiras. Estes povos demonstram suas capacidades em dar respostas práticas e eficientes a problemas que nós, não indígenas, não conseguimos, como por exemplo, apontar soluções para as questões que afetam o meio ambiente, utilização de recursos naturais de forma sustentável e promovendo projetos que multiplicam ações para o desenvolvimento sustentável.

Os povos indígenas discordam da teoria que não há compatibilidade entre tradição e modernidade, e demonstram que é possível preservar sua cultura, identidade e tradição, ainda que tenham acesso e se apropriem de ferramentas tecnológicas não inatas aos seus povos (Idem, p. 90). Entretanto, eles compreendem que há riscos, tendo em vista as múltiplas facetas das tecnologias digitais, e que as TIC, por si só, não contribuem para a qualidade de vida, estas devem vir acompanhadas dos demais direitos, como o direito a uma educação diferenciada de qualidade (BANIWA, 2006, p. 91; CETIC.BR, 2019, p. 6).

Neste sentido, os processos educativos devem ser engajados aos objetivos e finalidades pretendidos por todos dentro da comunidade, não somente dos professores, diretores e outros profissionais da educação. Para apropriar-se das TIC, deve haver, antes de tudo, conscientização, formação, estabelecimento de limites e finalidades pelo corpo coletivo da comunidade, só assim, a apropriação será favorável, benéfica e contribuirá ao empoderamento social destas minorias.



METODOLOGIA DA PESQUISA

Com o advento da internet, e a popularização das TIC, torna-se cada vez mais crescentes investigações qualitativas situadas, com e através da internet, por incidir no processo de investigação de modo significativo, “uma vez que já se fazem presentes no movimento cognitivo daqueles que realizam a pesquisa, nas formas de obtenção de dados, bem como, de suas análises” (SOUZA e BICUDO, n.d., p. 49). Foi assim que recaiu a nossa opção em compreender a cultura digital do povo indígena Ashaninka do rio Amônia⁴, através da análise do seu website e respectiva produção digital nele integrada. Para o efeito, adotamos uma metodologia de pesquisa qualitativa, usando os critérios de usabilidade dos sistemas e objetos digitais interativos, socorrendo-nos, ainda, das técnicas de análise de conteúdo.

Conceito de usabilidade

A qualidade de sistemas interativos, como de um site, é definida pela usabilidade. A usabilidade estuda a relação entre o utilizador e o sistema utilizado no intuito de avaliar a qualidade da interação máquina-humano. O objetivo da usabilidade é fornecer parâmetros que orientem a (re)formulação de sistemas interativos com o objetivo de proporcionar experiência positiva do seu uso. A usabilidade deve respeitar alguns atributos. De acordo com Nielsen e Loranger, um atributo de qualidade está relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente,

refere-se à rapidez com que os usuários podem *aprender a usar alguma coisa*, a eficiência deles ao usá-la, o quanto lembram daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-la. Se as pessoas não puderem ou não utilizarem um recurso, ele pode muito bem não existir (2007, p. 17).

A usabilidade depende de três fatores: (i) do conjunto de usuários considerados; (ii) da intenção do uso; e, (iii) do contexto físico e social ao qual os sistemas se inserem. Sendo assim, os autores definem que o sucesso de um site está relacionado a cinco componentes principais (NIELSEN E LORANGER, 2007, p. 7; NIELSEN e TAHIR, 2002, p. 18):

- a) Facilidade de aprendizado - o site deve permitir aprendizado fácil, de forma que o usuário rapidamente possa compreender sua organização;
- b) Eficiência do uso - uma vez aprendido o sistema, o usuário deve poder cumprir suas tarefas com alta produtividade;

⁴ Os Ashaninka têm raízes pré-andinas, de língua arawak, sendo localizados no Brasil e no Peru. Neste último país, somam-se mais de 90 (noventa) mil habitantes. No lado brasileiro, eles são um pouco mais de 1500 pessoas, todas situadas na floresta amazônica, no Estado do Acre. As margens do rio Amônia, no município de Marechal Thaumaturgo, vivem uma comunidade Ashaninka com cerca de 900 (novecentas) pessoas, e por este motivo são conhecidos como os Ashaninka do rio Amônia.

- c) Facilidade de memorização - as funções devem ser lembradas facilmente, de forma que um usuário ocasional possa retornar sem ter que reaprender;
- d) Erros - o usuário não deve ser induzido ao erro e deve poder recuperar o estado do sistema se os erros acontecerem;
- e) Satisfação subjetiva - o usuário deve relatar uma sensação positiva com o uso.

Com base nesses parâmetros será possível analisar um projeto que tem efeitos positivos sobre seus utilizadores na web, levando-se em consideração que sites e interfaces web são projetos para serem utilizados por pessoas. Quando estas pessoas interagem com os conteúdos apresentados, elas analisam, interpretam e aprendem, atribuindo à interface um significado. Neste campo de oportunidades que a internet propicia, os Ashaninka buscam levar à população, em geral, conhecimentos sobre o modo Ashaninka de ser, de pensar e de viver para romper com preconceitos, discriminações e racismo, historicamente constituídos.

Crítérios de usabilidade adotados

Os critérios de usabilidade utilizados foram inspirados nas “113 diretrizes” recomendadas por Nielsen e Tahir (2002) para avaliar homepages e websites. Como nosso objetivo na análise está relacionado ao valor educativo e social para os utilizadores, elencamos apenas os critérios abaixo que foram adaptados para conhecer as possibilidades de uso educacional do site. Com base nisto, os critérios adaptados foram organizados em duas partes: conteúdo do site e interface gráfica.

Para analisar o conteúdo do site, os critérios adotados foram:

- a) Localização espacial e temporal: na homepage é possível identificar traços da identidade Ashaninka? O que eles representam?
- b) Facilidade em localizar informação: existe um mapa do site? Há profundidade da informação: precisa dar muitos “cliques” para chegar até ao texto das notícias menos importantes? O site possibilita que o utilizador possa navegar por seus conteúdos? Encontra-se o site facilmente, independente do lugar onde estiver?
- c) Habilidade em interação com os utilizadores: existem informações em formato multimídias que favoreçam a utilização na educação escolar?

Sobre a interface gráfica, os critérios adotados foram:

- a) Velocidade de acesso: as páginas carregam rápido ou lentamente?
- b) Cor: quais cores são mais representativas? O que eles significam? Estão por todo o site?
- c) Texto: Qual o tipo de letra? Foi utilizado algum tipo de fonte serifada? O texto é objetivo? Como estão organizados?

- d) Legibilidade: A leitura do texto nas cores, tamanhos e fontes utilizadas causa cansaço visual, irritação ou algum tipo de sobrecarga cognitiva? Os parágrafos estão bem identificados?
- e) Imagem: Que tipo de formatos de ficheiros das imagens são utilizados? Quais imagens apresentam-se? São de autoria dos próprios Ashaninka? O que elas representam? Como estão localizadas as imagens na página?
- f) Aproveitamento do espaço na resolução: é necessário o uso da barra de deslocamento horizontal quando a janela do browser está maximizada nesta resolução?
- g) Aproveitamento do espaço “nobre” da janela (superior esquerdo): que tipo de informação ocupa este espaço? O menu de navegação tem as secções mais importantes à vista quando se entra na página (sem usar barra de deslocamento)?
- h) Impressão: A relação fundo-figura permite uma boa impressão?

Bauer conceitua ainda a análise de conteúdo como um método de análise de texto desenvolvido nas ciências sociais empíricas. Explica que, embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culmine em descritores numéricos de algumas características do *corpus* do texto, deve ser dada considerável atenção aos “tipos”, “qualidades” e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita.

Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos (BAUER, 2003, pp. 189–190). Ainda de acordo com este autor, a análise de conteúdo trabalha, tradicionalmente com materiais textuais escritos, mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens ou sons (Idem, 2003, p. 195).

Manuela Esteves considera que a análise de conteúdo se refere “a um conjunto de técnicas possíveis para tratamento de informação previamente recolhida” (ESTEVES, 2006, p. 107), sendo uma técnica muito utilizada em comunicações frequentemente numerosas e extensas. Tem como principais características ser “sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de textos em poucas categorias de conteúdos baseada em regras explícitas de codificação” (idem, p. 107).

Como base no critério de sistematização, replicabilidade e regras explícitas de codificação, é salutar dizer que a análise dessa pesquisa foi realizada em três etapas: 1ª - foi selecionada interface Web dos Ashaninka a ser investigada, visto que eles, conforme já referido, possuem site, blog, perfis em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter. Para isto, realizamos a análise preliminarmente sobre seus conteúdos a fim de identificar qual ferramenta seria mais relevante ao estudo, em termos de informação, de acordo com objetivos da pesquisa; 2ª- Tendo selecionado o site, aplicou-se o quadro avaliativo, por meio de leituras mais aprofundadas e

atentas de seus conteúdos, bem como através de testes práticos procurando encontrar evidências e responder às questões junto aos critérios de avaliação, alinhadas aos objetivos da pesquisa; 3ª – Nessa etapa, as unidades de dados recolhidas (evidências) encontradas foram registradas e organizadas em duas categorias: conteúdos da interface e aspectos de comunicação gráfica da interface.

RESULTADOS DA PESQUISA

Apresentamos a análise do site do Povo Ashaninka do Rio Amônia, a respeito dos seus conteúdos (riqueza informativa) e da interface gráfica (riqueza da comunicação gráfica), possibilitando compreender como este povo interage e dialoga com a sociedade envolvente por meio da rede de comunicação de alcance global (a internet).

Conteúdo do site

A figura 1 apresenta a homepage do site e, analisando a sua estrutura, podemos observar o logotipo da Associação Apiwtxa no canto superior direito, e ao seu lado, sete menus: Home, Quem Somos, Projetos, Espaços, Produtos, Parceiros e Acervo, organizados para facilitar a visualização de temas e possibilitar a utilização de links profundos para que o usuário tenha acesso direto e rápida para aquilo que mais lhe interessa.



Figura 1 - Homepage do site do povo Ashaninka
Fonte: Imagem retirada do site <http://www.apiwtxa.org.br>

O menu Home, ao ser clicado, reproduz o mesmo comportamento da Homepage, permitindo que nos percursos de navegação o usuário possa vir sempre para o ponto de partida, a Homepage. Ainda nesta área, visualizamos a missão, visão de mundo e projetos dos Ashaninka. Em Quem Somos, abrem-se três subníveis: os Ashaninka do rio Amônia, Associação Apiwtxa e Cooperativa Ayõpare, clarificando e informando quem são estes povos, como, quando e porque se constituíram em Associação e Cooperativa. Em seguida, temos o menu Projetos, onde podemos ter um panorama das diversas ações e atividades desenvolvidas pelos Ashaninka e sua rede de colaboradores por áreas de interesse, as quais são apresentadas por temas ou por projetos onde o usuário poderá decidir o melhor caminho para prosseguir a “navegação”. Os temas a que seus projetos estão relacionados são: agroflorestal, arte e cultura, manejo de fauna, organização comunitária, proteção territorial e sementes nativas. Agrupando doze projetos que correspondem: 1. Ações do plano de gestão territorial; 2. Alto Juruá; 3. Arte Ashaninka; 4. Articulação transfronteiriça Brasil-Peru; 5. Beneficiamento de polpa de frutas; 6. Manejo de tracajás; 7. Monitoramento territorial; 8. Piscicultura; 9. Pontão de cultura da floresta [centro de cultura da floresta]; 11. Pur Projet; 12. Sementes florestais nativas.

Não é nosso objetivo, aprofundarmos cada projeto, entretanto, destacamos um que envolve ações educativas, o “Alto Juruá”, por atuar no reflorestamento da região, criando uma comunidade de prática e desenvolvendo processos educativos inovadores para melhorar a qualidade de vida local.

O projeto “Alto Juruá” tem o propósito de reconstruir áreas desmatadas, gerando oportunidades econômicas e bem-estar para a comunidade dos entornos. Este projeto possui três áreas de trabalho norteadoras: Eixo 1. Assessoria, capacitação e implantação de sistemas agroflorestais; Eixo 2. Apoio às comunidades indígenas e tradicionais do Alto Juruá para gestão territorial e ambiental; Eixo 3. Desenvolvimento institucional das organizações comunitárias. Evidenciam-se as ações educacionais como ponto de partida para o alcance das metas, conforme podemos observar no eixo (1). Estas ações educativas são construídas coletivamente e situadas nas vivências e nas experiências dos sujeitos, valorizando seus saberes e seus conhecimentos por meio de sessões de debates periódicos. Neste contexto educacional, em que assenta a aprendizagem situada e contextualizada, o projeto “Alto Juruá” permite que os envolvidos formulem, discutam, aprendam, ensinem numa proposição dialética sobre temas que fazem parte do seu cotidiano, visando transformar suas próprias realidades.

De forma inovadora, colaborativa e partilhada, os Ashaninka e as comunidades membros demonstram como pôr em prática pedagogias ativas desenvolvidas por projetos, onde o conhecimento e a aprendizagem centram-se nos sujeitos em processos formativos onde “todos aprendem e todos ensinam” no agir para transformar em função de um objetivo comum.

No site, podemos acessar ao link <https://youtu.be/FDReFb8-xPQ> que nos leva a um vídeo desse projeto, com duração de 24 minutos e 27 segundos, cujas ações foram realizadas entre os

anos de 2015-2018. Vale ressaltar que o usuário tem acesso a informações nos links de cada projeto, assim como, os resultados e imagens da atuação dos envolvidos nas ações.

As formações, reuniões e encontros interculturais acontecem no Centro Yorenka ãtame, fundado em 07 de julho de 2007, localizado no município de Marechal Thaumaturgo. Este espaço educacional tem como premissa ser um espaço de diálogo, troca e difusão de saberes da floresta que respeita e valoriza a riqueza da diversidade cultural, objetivando fomentar momentos de troca de experiências e aprendizagens entre índios e não índios, estimulando o diálogo intercultural e a produção e difusão de práticas de manejo sustentável dos recursos naturais.

Além deste ambiente, por meio do menu Espaço, podemos conhecer Pākotsi Ashaninka, que em português significa Casa Ashaninka, um espaço turístico projetado para receber pessoas interessadas em conhecer a cultura deste povo. Em termos gerais, a Pākotsi Ashaninka oferta serviços de hospedagem e funciona como um local de exposição dos resultados dos seus projetos.

A auto sustentabilidade através dos recursos naturais está no topo da cadeia produtiva de prioridades dos Ashaninka do rio Amônia. No entanto, ainda na década de 80, buscando uma fonte de renda alternativa que os tornarem financeiramente independentes dos antigos padrões e das atividades das quais dependemos para sobreviver, começaram a produzir alguns produtos para comercializar, como: tambores, kusmas, flautas, bolsas, colares, CD's, entre outros.

Na figura 2 mostra os líderes Ashaninka tocando o tãpa, tambores confeccionados em madeira cedro, couro e corda de embaúba.



Figura 2 - Líderes Ashaninka, da família Piyãko, com seus tambores de produção própria

Fonte: www.apiwtxa.org.br

Neste contexto, a Cooperativa Ayõpare, cujo significado de “Ayõpare é “troca de produtos”, foi fundada sob o princípio da realização do trabalho cooperativo e intercultural para o fortalecimento da produção local e da economia sustentável, por meio da gestão e comercialização de produtos.

Embora seja possível conhecer estes e outros artigos por meio do menu Produtos, onde há seis categorias de artefactos: adereços, cestarias, instrumentos musicais, peças de madeiras, pintura corporal e vestimentas, cada uma apresentada com imagens e legenda, não fica claro se os Ashaninka pretendem comercializar estes produtos na web. Aqui destacamos esse ponto que poderia ser mais bem esclarecido na página para evitar mal entendimentos aos usuários e potenciais clientes, caso tenham interesse em comercializar seus produtos na rede (online).

Por último, encontramos o menu Acervo que é composto por quatro janelas: vídeos, fotos, publicações e músicas. Clicando em vídeos localizamos apenas um, embora haja muitos vídeos produzidos pelos próprios Ashaninka, através de seus parceiros, disponíveis no youtube e em sites de ativismo indígena como a Aldeia Digital. Em vídeos, consta apenas “The Internet Indians” de direção de Ilka Franzmann Câmera e Nikolaus Tarouquella, contextualizando a chegada da internet e sua importância para a comunidade, ao qual já nos referimos neste texto.

Assim sendo, nos atrevemos a sugerir que seja incluindo no acervo os vídeos produzidos pelos próprios Ashaninka ou indicando os links que possibilitam o acesso aos outros vídeos. Talvez esta falta se deva ao botão “View More” estar desativado na altura de análise do site.

Prosseguindo neste menu, em fotos, visualizamos um conjunto de 92 imagens, a preto e branco, do famoso fotógrafo Sebastião Salgado com vários olhares para a vida cotidiana Ashaninka, como por exemplo apresentado na figura 13; e ainda mais 97, a cor, da oficina Ashaninka mostrando fases do seu trabalho, muito em particular da tecelagem e agricultura.



Figura 3 - A família Piyãko (Ashaninka) sob a lente do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado

Fonte: <http://www.apiwtxa.org.br/acervo/fotos/sebastiao-salgado/>

Segue o item publicações organizado em duas janelas clicáveis. A primeira exhibe três textos e artigos de produção própria, com os títulos que se seguem: “Isaac Piyãko: Você vê o mundo do outro e olha para o seu” (Abril 2004); “Protocolo de Serviços Ambientais dos Ashaninka da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia” (2016); “Plano de gestão territorial e ambiental da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia” (2007). A segunda, está relacionada a cinco artigos e textos de autoria de pesquisadores sobre esta população, cabendo aqui os relacionados a: Vinicius Carvalho “A reinvenção do saber”, publicado na Revista Ecológico (2010); Renato Gavazzi (Org.) “Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia – O mundo visto de cima” GKNORONHA (2012); Ximena Morales Leiva “Apurinãs aprendem cultivo agroflorestal com Ashaninka”, publicado em “Gente de opinião” (2014); José Pimenta “Ashaninka”, publicado na Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil (2005); José Pimenta, “O caminho da sustentabilidade entre os Ashaninka do rio Amônia – Alto Juruá (AC)”, publicado em “Povos Indígenas: projetos e desenvolvimento II” (2010).

Com exceção deste último texto, que apresenta falha na abertura de seu link, o acesso a notícias está em pleno funcionamento proporcionando aos usuários conteúdos e informações validadas e aprovadas pelos próprios Ashaninka.

Concluindo, ainda no Acervo, constam um álbum em formato de CD, gravado no ano 2000 e produzidas em 2004, volume 1, distribuída pela Nicole Algranti (DVD) e pela associação APIWTXA, com músicas de origem em seus antepassados e interpretadas contemporaneamente pelos membros da Comunidade Ashaninka do Rio Amônia.

Existe ainda a possibilidade de escutar catorze canções diretamente do site, através de uma playlist do aplicativo *Soundcloud*. O acervo musical Ashaninka constitui seu patrimônio imaterial ancestralmente transmitido. Essas músicas ancestrais expressam momentos de tristeza, emoções e alegrias que encontram na natureza, que buscam na fauna e na flora da floresta amazônica, forças para continuar na jornada de luta e superar as dificuldades das quais estão imersos.

As músicas do Kamarãpi são para os momentos de concentração, para ouvir a natureza falar e passar seus conhecimentos para o Æteuiyari, que é uma pessoa muito respeitada por todos os Ashaninka, que aprende e conhece todos os segredos que Pawa (Entidade Suprema da cosmologia Ashaninka) deixou na terra. Das músicas apresentadas na página, Kamrãpe foi a mais escutada conforme análise em 20 de julho de 2019, com 616 acessos.

Por último, no menu Parceiro estão relacionadas todas as instituições envolvidas nos projetos e no ativismo indígena, relacionados por entidades governamentais e não governamentais, pessoas físicas e universidades. Podemos encontrar ainda um recurso de busca que permite encontrar assuntos com maior validade e personalizar as informações a partir daquilo que interessa ao usuário. Há ainda a possibilidade de contactar a comunidade por meio de e-mail,

telefone ou através das redes sociais Facebook e Twitter, informações no canto inferior da página, permitindo interações e contatos diretos por outros meios de comunicação.

Interface gráfica

De acordo com Nielsen e Loranger (2007), uma interface simples com poucas imagens gráficas e rápido download de páginas pode representar significativamente o crescimento e sucesso da maioria dos websites. Segundo estes autores, sites concisos e simples são raramente elogiados por usuários no que diz respeito ao layout, mas, por outro lado, os sites com este perfil alcançam maior proporção de acessos.

A maioria dos sites que cresceram significativamente na década de 1960 apresentava interfaces simples com poucas imagens gráficas e rápido download de páginas. Designers gráficos reclamavam que o Yahoo! (1994), Amazon (1995), eBay (1995) e Google (1998) tinham um visual primitivo, ou muito feio, mas os usuários adoravam estes sites e proporcionaram um maior volume de negócios porque se sentiam bem em passar para a próxima página logo depois de um clique (NIELSEN e LORANGER, 2007, p. 86).

Para avaliar a velocidade de acesso a homepage realizamos um teste em três navegadores: Google Chrome, Mozilla Firefox e Internet Explorer que consiste em realizar a contagem do tempo de download completo da homepage utilizando uma conexão de banda larga com velocidade de 79.58 megabits por segundo (Mbps) por meio de um cronômetro, de forma simultânea. Como resultados, obtivemos os seguintes tempos de respostas: 10,68; 11,73 e 10,01 segundos, respectivamente aos browsers acima descritos. Com base nos referenciais apresentados por Nielsen e Tahir (2007, p. 52) este tempo deve ser pelo menos de 10 segundos, na velocidade predominante de conexão utilizada pelo usuário.

Considerando os resultados apresentados podemos concluir que a velocidade de download do site Apiwtxa ocorre de forma lenta pois ultrapassa o tempo recomendado, ainda que seja usado uma conexão rápida. Em conexões mais lentas, este tempo pode aumentar e representar um empecilho para a acessibilidade e usabilidade do site. Para navegar no site é conveniente que se aguarde pelo carregamento completo do site.

Ainda na homepage podemos encontrar uma introdução em *flash* com a exibição de quatro textos e imagens de fundo. Os textos guiam o usuário por meio de um ícone: Saiba mais para conhecer a missão, visão, notícias, projetos e o centro de formação do qual já falamos. Este ambiente de programação parece não funcionar para o usuário como intencionado por seus idealizadores, pois os movimentos introduzidos automaticamente podem confundir o usuário e os impedirem de controlar seus próprios destinos.

Nielsen e Loranger (2007, p. 88) explicam que a introdução de *flash* viola o princípio de usabilidade pois seguem mais um estilo televisivo, em vez do estilo de uma mídia interativa. O

uso do *flash* se aplica em imagens que se deslocam sem a interação do usuário. Independentemente da elegância visual de uma apresentação, quando os usuários precisam esperar, sem nada a fazer, ficam entediados e perdem o entusiasmo pelo site. No entanto, não podemos dizer que estes movimentos não permitem a interação com a apresentação.

Os textos que se apresentam podem ser facilmente clicáveis, remetendo o usuário a janelas que têm mais informações sobre o anunciado. Muitas dessas informações necessitam da utilização da barra de rolagem vertical, sendo uma boa estratégia utilizada pelos desenvolvedores da web. A rolagem vertical unidimensional é uma maneira simples de percorrer um conteúdo sem um planejamento avançado (idem, 2007, p. 93).

Na arquitetura do site predominam as cores vermelha e verde oliva, juntamente com o branco no fundo do site. Elas se mantêm em todas as páginas, por meio de “layout congelado” e apresentam-se harmoniosas. Há uma sensação cromática da presença destas três cores e como estas são uma forma de transmitir ideias e estados de espírito, ou seja, de comunicar, estando a sua percepção baseada em princípios culturais.

Deste modo, de acordo com Farina, Perez e Bastos (2006, p. 97–101), o vermelho tem uma associação afetiva a “dinamismo, força, baixeza, energia, revolta, movimento, coragem...”, o verde a “esperança, ecologia, natureza...” e o branco a “ordem, simplicidade, paz, dignidade, harmonia, estabilidade, divindade...”. Estas percepções seguem códigos simbólicos de uma cultura ocidentalizada, será que têm idêntico significado para a cultura Ashaninka? É uma questão em aberto, que precisa de um estudo etnográfico junto à comunidade para se ter uma resposta, a ser realizado em outra oportunidade.

Fica claro a fixação desse layout por meio dos menus, logotipo da associação e imagens que se modificam conforme as janelas sejam exibidas e o recurso de pesquisa, no canto superior esquerdo, sendo bem aproveitado no espaço “nobre” da janela.

Os textos estão escritos numa linguagem clara e objetiva com possibilidades de serem lidas em dois idiomas (português e inglês), em vista de se investigar à repercussão destes códigos na cultura Ashaninka. Pensamos que seria interessante também incluir a idioma nativo dos Ashaninka, a língua Aruak, pois a sua inclusão facilitaria o intercâmbio interétnico entre a ampla comunidade (que vive em regiões do Peru e Brasil) e valorizaria a língua materna por meio da divulgação e exposição desta ao mundo.

Os textos estão com fonte de letra tipo *Noto Sans* e lato e em tamanhos que variam entre 16 e 47 pixels, dando boa acessibilidade aos leitores com problemas visuais. Por padrão, conforme explica Nielsen e Tahir (2002, p. 53), o tamanho da fonte deve ser 12 pixels. Vale ressaltar que, embora os textos apresentem tamanho superior ao padrão, o utilizado aparenta ser menor talvez porque a cor da fonte cinza clara não favoreça uma melhor visibilidade em contraste com o fundo branco. Tal disposição pode comprometer a legibilidade, neste caso a fonte em cor preta



e a utilização de tamanhos relativos, que aumentasse ou diminuísse a letra conforme necessidade do leitor/usuário, garantiria maior contraste com o fundo branco e minimizaria o cansaço visual, irritações ou dificuldades de leitura a usuários com limitações ou problemas visuais. Os links que constam no decorrer dos textos apresentam-se na cor verde e não estão sublinhados, mas indicam facilmente que ali há um direcionamento para outras janelas ou sites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das análises de conteúdo e da interface gráfica podemos concluir que o site apiwtxa.org.br apresenta-se como uma excelente plataforma de aprendizagem sobre a cultura Ashaninka. Verificamos que as vozes dos Ashaninka ecoam em vídeos, sons e imagens no ciberespaço. Eles possuem site, blogue, contas em redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e utilizam estes recursos tecnológicos com intencionalidade de dialogar, interagir e compartilhar saberes com indígenas e não indígenas, possibilitando o conhecimento destes povos para despertar empatia e conhecimentos interculturais.

Tudo isso é feito através do website que criaram, uma janela aberta para o mundo intercultural, um etno-espço que possibilita a tessitura de saberes no ciberespaço para a interculturalidade, um espaço de diálogo intercomunidades, não só entre os povos indígenas, mas também com os povos não indígenas, visando romper com estereótipos e preconceitos que estigmatizam as populações indígenas, a partir da divulgação da sua cultura, espiritualidade, artes e tradições.

A produção digital dos Ashaninka pode ser utilizada como recurso didático na construção dos conhecimentos a respeito à multiculturalidade e etnodiversidade. A partir do conhecimento das causas, projetos e ações deste povo na sala de aula, muitos estudantes poderão despertar para as questões globais apontadas por este povo, bem como, apoiar na quebra de preconceitos que tange a sociedade não indígena.

Entendemos que na educação escolar não indígena é preciso que professores e estudantes se apropriem desta informação para aprender sobre as distintas e múltiplas sociedades indígenas no Brasil e, assim, se romper e combater as visões equivocadas, racistas e preconceituosas que estão ainda fortes no país.

Entendemos, ainda, que as informações sobre os povos indígenas não se restrinjam apenas aos espaços escolares formais, pois há todo um mundo para além do escolar que necessita conhecer a cultura indígena. No caso dos Ashaninka, existe um rico espaço de saber no ciberespaço, onde, através de seu site (que acabamos de analisar), podemos experimentar e vivenciar a forma Ashaninka de ser por meio de seus conteúdos multimídia, com vídeos, imagens, sons e hipertextos.



Por fim, entendemos que cabe aos profissionais da educação incentivar e estimular estudos sobre os povos indígenas no Brasil, seja em espaços formais, não formais e informais de educação. O site, como plataforma digital, pode ser utilizado por diversos dispositivos digitais (computadores, smartphones, tablets), tornando-se uma excelente recurso de aprendizagem para conhecer a multidiversidade étnica, social e cultural das populações indígenas brasileiras, reforçando práticas de empatia, de alteridade, de respeito e valorização destes povos originários de uma nação multicultural, pois, assim como qualquer outro povo, suas vidas importam e são de uma riqueza imensurável para o mundo e para o Brasil!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. **Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais**. Currículo Sem Fronteiras, p. 57–82, 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/almeida-valente.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

BUYS, Bruno. **20 anos da internet no Brasil: universalização do acesso em expansão**. Ciência e Cultura, v. 63, n. 3, p. 6–9, 2011. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300003. Acesso em: 5 fev. 2020.

RENESSE, Nicodème; KLEIN, Tatiane. O que dizem (e pensam) os índios sobre as políticas de inclusão digital? In: RICARDO, Carlos Alberto; RICARDO, Fany Pantaleoni. (Eds.), **Povos Indígenas no Brasil 2006-2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 153–156, 2011.

PERES, Cristiane. **Bits e maracás: a apropriação das novas tecnologias pelos indígenas**. In: Revista Índio, ano 1º, nº 2, p. 8–13, 2011. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0006926818778d8ce40de> Acesso em: 3 fev. 2020.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1). Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/LIVROS/MFN-21340.pdf> Acesso em 10 fev. 2020.

CETIC.BR. **TIC para o Desenvolvimento Sustentável: recomendações de políticas públicas que garantem direitos**. In NIC.BR / CETIC.BR, 2019. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/8/14582020190716-tic-para-o-desenvolvimento-sustentavel.pdf> Acesso em: 15 fev. 2020.



SOUZA, Francislê Neri de; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Internet e investigação qualitativa, que ameaças e oportunidades? In: SOUZA, Dayse Neri de; COSTA, António Pedro; SOUZA, Francislê Neri de. (eds.); 1ª ed.). **Investigação Qualitativa: inovação, dilemas e desafios**. Aveiro: Ludomedia, 2016. Disponível em: https://www.ludomedia.pt/prod_details.php?id=174&catId=15&offset=0>. Acesso em: 13 fev. 2020.

NIELSEN, Jakob; HORANGER, Hoa. **Usabilidade na web: projetando websites com qualidade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NIELSEN, Jakob; TAHIR, Marie. **Homepage. Usabilidade: 50 websites desconstruídos**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** (2ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes, p. 186–217, 2003.

ESTEVES, Manuela. Análise de conteúdo. In: LIMA, Jorge Ávila de; PACHECO, José Augusto. (Eds.). **Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertação e teses**. Porto Editora, p. 105–126, 2006.

FARINA, Modesto; PERES, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação** (5.ed.). São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2006.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.